

IMAGEM E HOMENAGEM



SILVINO SANTIN POR ELE MESMO: um currículo não acadêmico.

Nasci na meia-tarde do dia 26 de setembro de 1937. Na casa paterna em plena área rural. Geralmente, naquela época, costumava-se nascer à noite. Uma questão de recato, acho. A parteira, prática em todos os sentidos, sabia que o parto ia ser difícil. Recomendou evacuar a casa. Conseqüência pré-natal: espantei todos meus irmãos mais velhos. Inteligente! Os mais novos não tinham nascido. E lá se foram “brincar” na casa da vizinha.

Os gemidos da mãe para abrir o caminho ao nascituro cabeçaço, ou cabeçaço, podiam assustar, traumatizar. Nenhum recurso de obstetrícia científica. Apenas os olhares dos quadros de santos e o testemunho do colchão de palha desfiada de milho.

Desde esse primeiro registro de vida até chegar à escola, fui sobrevivendo mergulhado na vida pluridimensional. Bastava viver. Reforço vindo de um estágio infan-

til na casa da nona Rosa. Lá havia vida em toda parte. Tudo era vivo. Sentia-me o legítimo matuto, filho do mato. Conclusão tirada das raras vezes que era levado até a vila para a missa dominical. Entrava-se na primeira rua à direita. O necessário para entrar na igreja. Muitas vezes tentei imaginar para onde iria se continuasse em frente. Nenhuma conclusão. Tinha certeza que estaria perdido. No mato, eu sabia, os caminhos que eu abria me levariam aonde eu queria ir.

Aos sete anos me matriculei no Colégio das freiras. Não sabia falar português. No primeiro mês recebi um prêmio por ser bem comportado, silencioso e atento. Muito mais tarde, concluí que o prêmio era injusto. O bom comportamento era devido ao fato de não saber falar português.

Depois fui – me mandaram – estudar no seminário. Meu Deus, quantas regras gramaticais! De línguas vivas e mortas. Os tempos passaram. Deu no que deu. Larguei o arado. Olhei para trás, sem dignidade, como rezam os evangelhos. Recuperei o mundo.

Sou licenciado em Filosofia, mais por oportunidade do que por convicção. O viver me mostrou que valeu a pena. Acertei, errando.

Atenção! As minhas descobertas são sempre muito tardias.

Em 1968 tentei um mestrado em cultura brasileiro na Fa-

culdade de Letras da UFRJ. Tema: Categorias existenciais em Seara Vermelha de Jorge Amado e Vidas Secas de Graciliano Ramos. Orientador, Eduardo Portela. Participei da passeata dos 100 mil, muito mais como colono do que como revolucionário. O AI 5 deletou tudo. Emprestei a minha ex-dissertação a um professor de teoria da literatura. E nunca mais.

Em 1970, cavei, por razões do destino, uma bolsa do governo francês para mestrado e doutorado em filosofia da linguagem nas obras de Heidegger (mestrado) e Maurice Merleau-Ponty (doutorado). Orientador Emmanuel Levinas. Nas primeiras férias trabalhei de motorista da empresa AVIS. Ganhei dinheiro. Comprei carro e barraca. Acampeei por 17 países. Em final de 1974 voltei com os dois canudos. Fui estreá-los na Unijui. Aconteceu algum ruído. Já em 1975, comecei como professor convidado, depois, como professor visitante me transferi para lecionar no recém credenciado curso de mestrado em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. A esposa me acompanhou. Onde nasceu o nosso casal de reposição.

Uma surpresa inesperada. Eu chegara para filosofar, mas a tendência era ensinar filosofia. Criei a disciplina de Filosofia da Linguagem. Perdi o mando. Um professor

argentino a transformou em lógica. O chefe de departamento, sabendo que eu não enjeitava parada, toda vez que algum curso solicitava uma cadeira de filosofia, lá ia eu filosofar. Assim, filosofei com os químicos no mestrado de química, com os engenheiros num curso de patologia da construção civil, com os mestrandos do curso de extensão rural, com os calouros na medicina e do curso de letras. Por fim, recebi permissão para filosofar na Educação Física. Eta, mundo novo! E criei raízes. No princípio, quando a educação física precisava mostrar sua identidade, os debates pedagógicos, sociológicos, psicológicos, filosóficos, políticos eram acalorados. Carregado por esses ventos participei de inúmeros eventos em quase todo o Brasil. Em 1992, recebi o honroso convite para compor o corpo docente do mestrado da ESEF-UFRGS durante seis anos. Lembro, também, os gratificantes e freqüentes convites para participar de atividades acadêmicas da ESEF-UFSC.

Não tardou que as caravelas cabralinas invadissem o território e o entulhassem com índices performativos, técnicas de rendimento, talentos esportivos e, especialmente, com o princípio de competição como ideologia de dominação e de superioridade a qualquer preço. O

corpo deixou de ser vida e centro de amor, para ser máquina de recordes. Aí os mercantilistas chegaram e instalaram seus bazares.

Não posso esquecer o imenso e carinhoso espaço aberto para as minhas filosofadas pela enfermagem da UFSC, da UFP, da UFRGS, da UFSM.

A educação física e a enfermagem me mostraram duas faces do corpo. A face forte, saudável a ser vivida ou explorada. E a face fragilizada, enferma, sofrida pedinte de cuidado e carinho.

Publiquei uma dúzia de livros individuais, uma dezena em parceria e um bom número de artigos em revistas e jornais.

Depois desta virada tecnicista, já aposentado, optei por escrever textos e enviar aos congressos, seminários sem me preocupar se seriam aprovados. Continuo com a minha determinação, eu quero filosofar, não preencher número de páginas.

Descobri, agora, que o princípio da reversibilidade de Merleau-Ponty se aplica para o meu currículo e a minha biografia.

S. Santin
Santa Maria, 26.08.2010.